

da espiritualização.

— Então nem mesmo as afinidades são garantias de êxito?

— Afinidade, assim como tudo que a vida nos brinda para celebrar o bem, são responsabilidades pelas quais devemos zelar com a máxima prudência, para que jamais se transformem em pasto de arbitrariedade, ou espelho para projetar nossas carências. Afinidade espiritual deve significar arrimo para confiança e estímulo para crescer sem os equívocos da ilusão. Seja como for, esteja certo que, mesmo entre os afins, a construção do reino do Cristo, na intimidade, exigirá tempo e devoção para a construção de relações sadias e duradouras, que libertem e edifiquem os valores imortais.

— Pelo que vejo, tinha conceitos muitos superficiais de afinidade espiritual.

— Para muitos, afinidade é estar com aquele que pensa da mesma maneira, ou que tem os mesmos gostos!...

— E não é?

— Os afins, à luz do espírito imortal, são aqueles que constroem juntos na fieira do tempo, a devoção espontânea e o respeito incondicional, fazendo-se amigos honestos e companheiros leais ao regime da confiança espontânea, ainda mesmo que diverjam sobre os mais variados pontos de vista. Na obra do Cristo, os afins são aqueles que decidem se amar, apesar das diferenças...

A conversa tomava rumos instrutivos sem perder o encanto do momento festivo, um verdadeiro recreio educativo. Professor Cícero e Dona Modesta, que já haviam repetido a mesma história infinitas vezes, contavam-na como se fosse uma novidade, com desvelo.

(1) Maria Modesto Cravo desencarnou em 08 de agosto de 1964.

(2) Cícero dos Santos Pereira desencarnou em 04 de novembro de 1948.

(3) Johann Amos Comenius, educador alemão.

(4) Mateus, 22 : 1 a 14.

## 25

### *Planos para o Futuro*

*“Para quem iremos nós Senhor se tens a palavra de Vida Eterna?”*

*Mateus, 6:28 a 30*

Chegara o dia da reunião com Dona Modesta. Seriam discutidos o destino e traçadas metas para Selena e Marcondes. Ao todo, haviam passado seis meses de permanência com nossos amigos na “Casa de Eurípedes” – como é chamado, por muitos, o Hospital Esperança.

Marcondes e Selena concluíram uma síntese de sua pregressa reencarnação. Apesar dos percalços naturais, com espantosa rapidez, adaptaram-se à rotina dos serviços enobrecedores. Restava-lhes, como era justo, talhar o caráter, rever pontos de vista, educar valores, cooperar. Ninguém se livra de si próprio. Essa é a grande lição da morte física.

Os dramas conscienciais, os impulsos, as enfermidades morais, persistem além-tumulo. A boa vontade e a alegria de servir – alma das tarefas doutrinárias – atraem proteção e misericórdia. Contudo a alforria mental é galgada por quantos se entregam ao afanoso trabalho de crescimento interior. Nem sempre a contenção de impulsos conduz à transformação. Nem sempre a atividade doutrinária significa libertação. Assim como nem sempre a experiência do conhecimento adiciona paz e serenidade.

Velhas ilusões de grandeza têm banido, de corações puros e bem intencionados, a oportunidade da reeducação. Inúmeros companheiros, avassalados por prestígio e facilidades, abandonam a essência e encantam-se com a forma, as exterioridades. O resultado inevitável desse trajeto de descuidos impensados é a negligência com deveres primordiais ao equilíbrio da alma após a morte. A sábia indagação do codificador e a inspirada resposta dos Sábios Guias merecem muita meditação:

*“Para agradar a Deus e assegurar a sua posição futura, bastará que o homem não pratique o mal?”*

— *Não; cumpra-lhe fazer o bem no limite de suas forças, porquanto responderá por todo mal que haja resultado de não haver praticado o bem.”*<sup>(1)</sup>

Imperioso disputar o bem, abolir folgas, renunciar gostos.

— *“Oh verdadeiros adeptos do Espiritismo!... Sois os escolhidos de Deus! Ide e pregai a palavra divina. É chegada a hora em que deveis sacrificar à sua propagação os vossos hábitos, os vossos trabalhos, as vossas ocupações fúteis. Ide e pregai.”*<sup>(2)</sup>

Marcondes continuava procurando seu mentor. Selena tinha suas crises intermitentes de angústia em relação ao futuro da casa espírita.

No andar térreo, na hora aprazada, reuniram-se Dona Modesta, Doutor Inácio e o trio que começava a desenhar um futuro de bênçãos para a extensa família espiritual: Marcondes, Selena e Eulália. A benfeitora, após as saudações afetuosas, especialmente entre Selena e Eulália, coordenou a fala:

— Meus filhos, sempre chega o instante divino de falarmos sobre o futuro, tecermos planos em favor de nossa paz. Temos inúmeros casos similares nesta casa de amor, nos quais almas queridas arquitetaram o regresso à carne em bases de compromisso e reajustamento, crescimento e cooperação. O retorno de Selena e Marcondes para cá preencheu de esperança o coração de Eulália, que rogou a Bezerra a

intercessão benfazeja em favor de suas lutas. Reunimo-nos aqui, não só para auxiliá-los a pensar esse futuro, mas também para encaminhar-lhes um apelo de nosso diretor, Eurípedes Barsanulfo.

— Um apelo de Eurípedes para nós? É algo grave assim? – expressou Marcondes.

— Estamos reunindo informações sobre vários casos do Hospital Esperança para enviá-las aos homens. Eurípedes fez um convite aos administradores da casa nesse sentido. Compulsando os arquivos do Pavilhão Judas Iscariotes, sob nossa tutela, gostaríamos de destinar a história de vocês, com urgência, ao plano físico, no formato de um livro mediúnico. Vocês nos permitem?

— Dona Modesta! O que há de tão sério em nossa história para ser motivo de livro? – questionou Selena.

— Sua pergunta é muito feliz, Selena. É exatamente por não ter nada de tão extraordinário, assim que julgamos ser um relato oportuno aos irmãos de ideal. Lutas e frustrações pertinentes à expressiva maioria de nós, apenas isso! Nada tão sério; apenas os descuidos do caminho, suficientes, como todos sabemos, para causar-nos dor e decepção, angústia e aflição. Imagina-se entre os confrades de ideal que, tornam-se necessárias atitudes trágicas, para colher os espinhos da infelicidade nestas plagas. Temos catalogado, nos alfarrábios de Inácio, o “escriba” do pavilhão – caçou Dona Modesta – mais de setecentas histórias, entre as quais, pelo menos quatrocentas constituem uma casuística única, ou seja, ainda não revelada ao mundo físico pela literatura mediúnica. Queira Deus que os médiuns tenham fôlego e coragem para suportarem as refregas e nos ensejarem a bênção de remetê-las aos homens. Inácio prepara o médium de Uberaba para seu primeiro ensaio neste sentido.

— Já sei até o título que darei à obra! – interveio o médico.

— E qual será doutor? – indagou curioso o ex-dirigente goiano.

— *Sob as Cinzas do Tempo.*<sup>(3)</sup>

— De que trata?

— O resgate de Torquemada, quando Modesta e eu nos encontrávamos ainda encarnados no Sanatório Espírita Uberabense.

— Dessa maneira – continuou Dona Modesta – conto com a colaboração de vocês. Além disso, temos anotações nas fichas de Marcondes e Selena que falam de aspirações novas. O professor relata – e tomou de uma pequena folha de anotações – que Marcondes mostrou sensibilidade com os dramas do *segundo andar* e interesse em visitar os médiuns no plano físico que passaram pela sua direção. Selena, após o ciclo de estudos junto a Odilon Fernandes, está muito empenhada em auxiliar o “Centro Espírita Paulo e Estêvão” na recondução de suas atividades espirituais. Não faltará trabalho. Tomaremos as providências pelo bem de todos. Quanto à Eulália, ela prepara seu retorno ao corpo. Logicamente, por essa razão, precisaremos de que alguém ocupe seu labor na câmara dos ovóides.

Sem pestanejar, reagiu Marcondes:

— Dona Modesta, se estiver em minhas condições...

— Muito bem! – interrompeu a matrona – está escolhido!

— Rápido assim? – e riram todos da forma como foi resolvida a questão.

— Apenas um ponto necessita ser acertado entre nós. Antes que ingressem em tarefas junto ao plano físico, recomendo que arejem suas concepções sobre as novas bússolas que guiarão a mediunidade com Jesus neste século da transição planetária. Eulália! – chamou Dona Modesta.

— Sim.

— O que você acha de passarem algumas semanas no

subsolo 02 sob orientação do coordenador de ala?

— Excelente! Aprenderão sobejamente sobre o leque das forças psíquicas.

— Dona Modesta! – intercedeu Marcondes.

— Pois não!

— Aproveitando nossa conversa, qual a opinião que a senhora tem sobre os livros mediúnicos que estão surgindo na atualidade? Nossas histórias não parecerão aos espíritas, digamos, fantasiosas?...

— Por mim, Marcondes, contaria esses quatrocentos casos do arquivo de Inácio, entretanto obedeco a ordens de Eurípedes. E mais a mais, se o fizesse, seria tachada de louca, enquanto o médium que fosse portador dos textos passaria por uma terrível inquisição psicológica. O movimento espírita reclama da qualidade das obras mediúnicas e, quando surge algo novo e consistente, estarrecem, recriminam.

— Tem surgido muita fantasia, Dona Modesta. É por isso! A pureza doutrinária tem sido muito agredida. Não sei onde vai parar o Espiritismo!...

— O Espiritismo vai para o caminho comum da humanidade, o progresso. Recordar-se de nossa conversa na *tribuna da humildade*? Não é a pureza filosófica que tem sido agredida, e sim o orgulho dos pseudo-sábios que criam resistência em aceitarem o que escapa às suas concepções pessoais. Acreditam saberem tudo sobre Espiritismo. Pureza doutrinária tornou-se uma questão ético-cultural. Aquilo que o homem não consegue entender é, por essa razão, suspeito, controverso, infundado e anticientífico, sendo assim digno de uma postura de antifraternidade.

— O assunto é complexo!

— Tão complexo, Marcondes, que inúmeros companheiros espíritas, depois do desencarne, mesmo vendo a realidade a olhos nus, ainda suspeitam estarem sendo vítimas de uma mistificação no mundo espiritual. Querem pureza

doutrinária até mesmo com a obra do Criador. Aqui mesmo no Pavilhão dos Dirigentes, todo dia, aparece esse tipo de ocorrência. Querem fazer pureza doutrinária com a vida. Não aceitam técnicas, idéias e práticas, alegando que não são doutrinárias. E quando nos olham, sentem-se inseguros e nos vêem com “cara” de mistificadores.

— Eu ainda me sinto assim, Dona Modesta. E quando ouço colocações enfáticas da senhora, fico mais inseguro.

— Enfáticas?...

— Você ainda não viu nada! – atalhou Doutor Inácio, zombando.

— Posso ser sincero?

— Franqueza é virtude, meu filho. Fale o que pensa – redargüiu Dona Modesta.

— Não estaria havendo um problema de filtragem com os médiuns? Uma obsessão coletiva para descaracterizar o Espiritismo?

— Agora sou eu quem diz: esse é um assunto complexo! Os médiuns são depositários de imensa responsabilidade. São canais de esperança dos céus para a Terra. Envergam sobre os ombros a condição exarada por Paulo: *“tesouros em vasos de barro.”* <sup>(4)</sup>...

— Sendo que a mediunidade é o tesouro e os médiuns são os vasos! – interrompeu, com ironia, Marcondes, que sempre interpretou os médiuns como doentes e devedores.

— Sua colocação, apesar de refletir sua indiferença para com a luta dos médiuns, é sábia – retrucou Dona Modesta.

— A senhora disse que franqueza é virtude!... – emendou Marcondes.

— Os médiuns deveriam ser vistos como pessoas comuns, falíveis. Todavia são alvos de onerosa expectativa de quantos lhes partilham a caminhada. Os homens emprestam-lhes uma supervalorização injustificável. Nesse clima psíquico, o medianeiro, que não consegue construir defesas morais

dignas e zelar por uma conduta rica de autonomia, poderá chafurdar-se na teia dos reflexos da comunidade onde respira.

— A senhora está confirmando que existe um problema de filtragem?

— Estou confirmando que precisamos de rever conceitos sobre médiuns, mediunidades e Espiritismo. Largar essa mania emocional de fidelidade ao texto de Kardec e buscar fidelidade à postura de Kardec, à postura de investigador. Estou falando de abertura mental para o novo. A “cara” do Espiritismo brasileiro, conquanto represente o anseio de milhões de mentes, jamais servirá de modelo para idéias que, em verdade, são universais. Os princípios exarados pelo Espiritismo não lhe pertencem e nem a seus adeptos, muito menos a quaisquer entidades doutrinárias. São universais, portanto cada povo o apropriará à sua cultura, às suas necessidades, criando um campo de diversidade que convergirá para um único ponto, a ética do amor.

— Do jeito que a senhora fala, passa-me pelo pensamento os receios que tinha quando na carne.

— Quais receios, meu filho?

— Isso que a senhora prega significa uma miscelânea. Para mim, essa concepção levará as pessoas a fazerem do Espiritismo o que bem entenderem.

— Foi para isso que o Espiritismo surgiu no mundo. Para que o homem o absorva dentro de suas possibilidades e de conformidade com suas crenças e cultura.

— Então a senhora prega um sincretismo com as idéias espíritas? É isso? Onde fica a unidade doutrinária?

— A unidade deve ser buscada no campo ético do Espiritismo. Quanto à interpretação de seus princípios e práticas, meu caro, não tenha dúvidas, jamais haverá unidade.

— Então de que vale o trabalho da unificação? Para que o trabalho de tantos médiuns e líderes que suaram por uma “identidade espírita”?

— Nesta diversidade, meu filho, devemos incluir, como ponto desta mesma diversidade, a característica do Espiritismo brasileiro. O problema é querer tomá-lo como modelo universal dos seus fundamentos... No mundo dos espíritos, temos uma opinião partilhada em comum acerca da história do Espiritismo brasileiro. Seu grande mérito foi ter conectado princípios universais com ética enobrecedora, isto é, ter criado uma ponte entre fundamentos religiosos e conduta.

— Mas se já temos um modelo endossado pelo Espírito Verdade, por que criar novidades?

— De que endosso você fala? De nossa parte, o único endosso que conhecemos das esferas mais elevadas ao contexto da comunidade espírita refere-se à sua conotação humana, ao valor que se emprega ao seu conteúdo moral.

— Então me explique por qual razão a grande maioria apóia os rumos do Espiritismo brasileiro?

— Pela natureza dos que nele reencarnaram. Esse panorama, todavia, mudará celeremente. Regressam os espíritos de “segunda e terceira vez” com concepções mais ampliadas das bases doutrinárias.

— Perdoe-me Dona Modesta, mas não consigo me abrir para essas idéias. Se a visão espírita que me serviu é contemplada nesse contexto de diversidade, então prefiro ficar com ela, por segurança.

— Amigo, abra seus olhos e enxergue mais longe. Se você estivesse na carne, ainda teria essa opção, diga-se de passagem, lamentavelmente. Porém, você está na vida da verdade.

— Está difícil crer no que vejo. Mesmo depois de seis meses morto, tenho a impressão de que estou na Terra, e nada mudou. Apesar de saber que mudou, não sinto dessa maneira... Vejo, mas não acredito que exista, compreende?

— Compreendo! E se eu lhe der um presente?

— Um presente?...

— Cuidado, Marcondes – intercedeu Doutor Inácio com humor – presente de Modesta costuma ser uma “dor de cabeça”!

— Você não nutre um intenso desejo de conhecer seu mentor?

— Até que enfim alguém tocou nesse assunto! Poderei conhecê-lo?

— Claro! Eulália, explique a Marcondes.

— Meu querido – externou com afeto a companheira – lembra do centro de umbanda que costumava freqüentar em busca de alívio para meus problemas físicos?

— Aquele centrinho de macumba do tal Vovô Zequinha? – ironizou o dirigente.

— Isso!

— Que tem isso haver com...

— Você perseguiu tanto ao Januário, médium de Vovô Zequinha, lembra-se?

— Para mim, o tal Januário é um embusteiro.

— Marcondes! Marcondes! Meu companheiro querido, eis os equívocos da ilusão! Januário é um missionário do Cristo e Vovô Zequinha é o coordenador das “alas restritas” do Pavilhão Judas Iscariotes.

— É uma pilhéria! – expressou com ironia o ex-dirigente.

— Com a seriedade que todos estamos tratando os assuntos, acredita que seja pilhéria? – respondeu Eulália com firmeza.

— Quer dizer que o tal Vovô Zequinha existe mesmo? E é mentor, ainda por cima?

— Sim, Marcondes – novamente tomou a palavra Dona Modesta com determinação. E tenho uma boa notícia para você!...

— Dona Modesta, a senhora está insinuando que...

— Ele é o seu mentor. O seu mentor tão desprezado por você.

— É demais para mim. Eu...

— Você só voltou ao corpo por conta de Vovô Zequinha, meu filho – intercedeu Dona Modesta.

— Mas...

— Quando Eulália passou a freqüentar a Tenda Umbandista em busca de alívio para seus problemas físicos, Vovô Zequinha, através de Januário, trouxe-lhe paz interior aos dramas conscienciais do adultério. Tornou-se seu preceptor e amigo. Januário, igualmente, médium de rara sensibilidade afetiva, acolheu Eulália com esmerada atenção. Vovô Zequinha tentou enviar, infinitas vezes, recados pelos médiuns da atividade que você dirigia, mas quase sempre você preferia seu ponto de análise. Lembra-se de Egberto?

— Lembro-me. Era um médium perturbado de nossa atividade. Adorava entidades africanistas com seus chás e ervas suspeitas.

— Pois Egberto foi o médium mais fiel dos recados do benfeitor.

— Dona Modesta, como posso acreditar nessas questões? Tudo me parece estória. Permita-me a clareza, estória pra boi dormir!...

— E o boi dormiu mesmo, amigo querido!

— A senhora fala de mim?

— Quem descuidou tanto como você, meu filho, ante os apelos dos bons espíritos?

— Como poderia checar as informações de Egberto e...

— Você não se deu ao trabalho de respeitá-las – interrompeu dona Modesta –, quanto mais checá-las. Em verdade, sua postura foi de desprezo, desconsideração.

— Lamento! Reconheço ser verdade.

— Essa é sua história, meu filho. Não se envergonhe, apenas assumá-a.

— Coisas como essas serão narradas em nossa história pela mediunidade?

— Claro! Mas agora quero saber: terei, ou não, o aval de vocês? – indagou resoluta a benfeitora.

— De minha parte, está ótimo, conte comigo – externou Selena prontamente.

— Para mim, não vejo problema – pronunciou Marcondes com orgulho. Apenas uma informação por caridade: o médium que vai narrar nossa história é um missionário? Será...

— Não! Não é quem você está pensando. Os médiuns consagrados da seara cumprem outro gênero de tarefa para com a causa, razão pela qual, para resguardarem segurança íntima, mantêm-se distantes dos cataclismos de diversidade. O médium do qual me sirvo está enquadrado no ensino do Espírito Verdade que assevera:

*“Nem tudo o que o homem faz resulta de missão a que tenha sido predestinado. Amiudadas vezes é o instrumento de que se serve um espírito para fazer que se execute uma coisa que julga útil. Por exemplo, entende um espírito ser útil que se escreva um livro, que ele próprio escreveria se estivesse encarnado. Procura então o escritor mais apto a lhe compreender e executar o pensamento. Transmite-lhe a idéia do livro e o dirige na execução. Ora, esse escritor não veio à Terra com a missão de publicar tal obra. O mesmo ocorre com diversos trabalhos artísticos e muitas descobertas. Devemos acrescentar que, durante o sono corporal, o espírito encarnado se comunica diretamente com o espírito errante, entendendo-se os dois acerca da execução.”<sup>(5)</sup>*

— Tenho piedade do medianeiro que se atrever a publicar tais anotações!

— Pois tenho alegria em saber que esses conceitos chegarão ao mundo pelas mãos mediúnicas.

— A maioria nutrirá descrença. Eu mesmo ainda não creio no que vejo!

— Ainda assim, o médium, com sua “louca coragem”,

será um desafio de amor para o movimento espírita. Muitos homens podem não acreditar. Faz parte da lei da diversidade. Entretanto continuam com o dever de amá-lo. Será que conseguirão?

— Se eu estivesse na carne, além de não entender, certamente faria o que fiz: denegrir.

— Ótimo!

— Ótimo?! Por quê Dona Modesta?

— Melhor essa atitude que a indiferença.

— Melhor?

— Diríamos, menos mal! Quem denigre é porque teve seus interesses ou pontos de vista atingidos. O indiferente é ardiloso, calculista, e, em muitas ocasiões, reconhece em sua intimidade, o valor das idéias contra as quais se defende através da indiferença.

— E quanto a Vovô Zequinha – indagou constrangido, quando poderei conhecê-lo nas enfermarias do subsolo?

— Andando pelas alas, você o reconhecerá. Zequinha foi um dos médicos europeus mais renomados da história do século XIX. Sua tenda religiosa em Goiás é um dos postos mais avançados de amor fraternal do Hospital Esperança na Terra.

— Quer dizer que os núcleos representantes do Hospital no plano físico não são somente espíritas?

— Não são representantes, Marcondes. São parceiros no amor. São cooperadores ativos do bem. Toda entidade que se ergue em nome do Cristo, independente de designação religiosa, tem laços profundos com nossas atividades. O Centro Espírita Paulo e Estêvão, dirigido por Selena, em Minas Gerais, e a agremiação que você conduziu em Goiás seriam frentes avançadas de nossas tarefas. Próximos a vocês, nas cidades em que atuavam, tinham excelentes servidores que partiram daqui com tarefas definidas. Contávamos com sua ajuda, Marcondes, pois Egberto é tutelado de Eurípedes.

Contávamos com você, Selena, pois Angélica é uma esperança de Doutor Bezerra. Nossos irmãos Egberto e Angélica fazem parte da *geração solidária*. Egberto, médium de excelentes recursos. Angélica seria uma renovadora dos conceitos práticos da doutrina. As oportunidades perdidas se foram e, não fosse a abundância da celeste misericórdia, que seria de nós neste momento? No entanto o tesouro desta casa é a esperança. Nossa tarefa consiste em fazer renascer, no escrínio das almas tombadas, o desejo de recomeçar com determinação e fé. Sem isso, que será de nós? Após nossas falhas sucessivas, quando convidados a retomar os compromissos ecoa em nossa memória a fala sábia e aflita de Pedro: “*Para quem iremos nós, Senhor, se tens a palavra de Vida Eterna?*”<sup>(6)</sup>

Notamos a expressão tristonha dos companheiros. Sentiam um misto de vergonha e frustração. Nada falavam. Dona Modesta, todavia, fustigara-lhes as fibras morais com intuítos nobres. Desprezaram a oportunidade de cooperar com almas que carregam sobre os ombros um fardo desafio espiritual. Era necessário que divisassem o quanto os aguardava no trabalho de reequilíbrio de si mesmos. As obras deixadas no plano físico não poderiam ser interrompidas a esmo. Angélica, Egberto e a própria Eulália, que breve renasceria no corpo, eram alguns dos muitos laços de continuidade para os destinos dos dois trabalhadores. Imprescindível recomeçarem com acerto. Promoverem-se à condição de servidores espontâneos e amantes da causa do bem. Só um caminho restava-lhes: conhecerem de perto a extensão das lutas e dores dos que soçobram entre a culpa e ódio na erraticidade. Os *portais de acesso* do Hospital seriam o passo inicial, até que pudessem estender os passos com mais solidez e segurança, aos terrenos baldios dos abismos e da subcrosta. Consciente disso, recomendou Dona Modesta:

— Os planos futuros visam a metas libertadoras. Enquanto Eulália prepara Marcondes nas câmaras dos ovóides,

Selena ampliará suas noções de mediunidade. Marcondes despertará a fibra do sentimento altruísta, vindo, posteriormente, a cooperar com as fileiras doutrinárias onde se situa Egberto. Selena, por sua vez, amearhará maior uniformidade interior, através da alegria e da flexibilidade junto às lutas, ao lado de Angélica. Ambos poderão servir e aprender, desde que se rendam ao espírito da lúdima fraternidade sem mesclas. Se vencerem os preconceitos terrenos, farão vôos de alteridade. Vamos deixá-los a cargo de Inácio Ferreira por estarem intimamente ligados ao seu coração.

Nessa hora, todos olharam para Doutor Inácio que, de pronto, assestou seu humor em tom baixinho:

— Se fosse vocês, não aceitaria esse carma...

— Deixe disso, Inácio. Creio que nossos amigos já não se assustam com seus pitacos.

— Doutor – falou Eulália sensibilizada – serei eternamente grata pelos seus esforços com Marcondes.

— Não seja por isso, minha filha. Fiz quanto pude. Nada mais.

— Vocês se transferirão, em definitivo, para as atividades – continuou Dona Modesta – do pavilhão Judas Iscariotes. Marcondes ficará sob tutela de Vôvo Zequinha. Selena estará cooperando com Inácio nas alas dos médiuns. Ainda hoje, mais à tarde, teremos uma apresentação de Dona Ivone do Amaral Pereira, que nos brindará com oportunas reflexões. Amanhã, gostaria de tê-los de madrugada, nos *portais de acesso* para que iniciem novas lições.

Os dias passavam ricos de labor e desafios. O Hospital só tinha uma rotina: servir e aprender. O crepúsculo daquele dia, no entanto, era esperado por Eurípedes há algum tempo.

Na sacada da enfermaria, busquei um ar fresco após os colóquios confortadores com nossos pacientes. Percebi nosso diretor nos jardins colhendo lírios, acompanhado por Dona

Modesta, Doutor Inácio, Antuza Ferreira, Odilon Fernandes e mais alguns colaboradores ligados à cidade de Uberaba e região. Observava com atenção a cena. Eurípedes fazia parte daquele canteiro e vice-versa. Colhia as flores com carinho, mas sua mente... Ah! Sua mente estava longe!... Não pude registrar-lhe o pensamento, no entanto sua fisionomia absorta era um traço indicativo de que refletia com profundidade. Percebendo meu pensamento com sua ilimitada capacidade mental, olhou para cima e, sorrindo com simplicidade, disse-me:

— Veja, minha filha! – e espalmou as mãos sobre o ramalhete. Você sabe para quem são estes lírios?

Fiz um sinal afirmativo com a cabeça e ele completou em francês vernacular:

— Mademoiselle, ele estará de retorno ainda hoje...

Colocou então um lírio na mão direita e saiu celeremente, seguido pelo grupo de amigos. Já tinha a quem entregá-lo... Acabara de desencarnar o Lírio Redimido do Evangelho Redivivo... Chico Xavier, naquela tarde-noite, partiu nos braços de Maria de Nazaré ao encalço do Mestre Jesus...

Olhei para o alto, e recordando velhas cenas de tempos sagrados, recitei em voz alta, pensando nas lutas de quantos anseiam por seguir a Jesus:

*“Olhai os lírios do campo, como eles crescem: não trabalham nem fiam;*

*E eu vos digo que nem mesmo Salomão, em toda a sua glória, se vestiu como qualquer deles.*

*Pois, se Deus assim veste a erva do campo, que hoje existe e amanhã é lançada no forno, não vos vestirá muito mais a vós, homens de pouca fé?”* (7)